



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO



**Editora
Uema**



**MAS
EXTENSÃO**

Dermatofitose equina: promoção de saúde animal e humana





Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO



**Editora
Uema**



M386d Martins, Jéssica Rayla da Silva.

Dermatofitose equina: promoção de saúde animal e humana /
Jéssica Rayla da Silva Martins [et al.]. – São Luís: EDUEMA, 2024.
15 p.: il. color.

Livro eletrônico

ISBN: 978-85-8227-472-9

1.Dermatologia veterinária. 2.Micologia. 3.Saúde única. I. Rocha,
Renata Alves. III. Moraes, Poliana Santos de. IV. Moraes, Ana Paula Santos de.
V. Ribeiro, Ana Isabela Lima. VI. Oliveira, Nayara Silva. VII. Ribeiro, Diego Luiz
dos Santos. VIII. Ribeiro, Larissa Sarmento dos Santos. VIII.Titulo

CDU: 636.1.09

Elaborado por Cássia Diniz – CRB 13/910



AUTORES

Jéssica Rayla da Silva Martins

Renata Alves Rocha

Poliana Santos de Moraes

Ana Paula Santos de Moraes

Ana Isabela Lima Ribeiro

Nayara Silva Oliveira

Diego Luiz dos Santos Ribeiro

Larissa Sarmento dos Santos Ribeiro





EDITOR RESPONSÁVEL

Jeanne Ferreira de Sousa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Alan Kardec Gomes Pachêco Filho

Ana Lucia Abreu Silva

Ana Lúcia Cunha Duarte

Cynthia Carvalho Martins

Eduardo Aurélio Barros Aguiar

Emanoel Cesar Pires de Assis

Emanoel Gomes de Moura

Fabíola Hesketh de Oliveira

Helciane de Fátima Abreu Araújo

Helidacy Maria Muniz Corrêa

Jackson Ronie Sá da Silva

José Roberto Pereira de Sousa

José Sampaio de Mattos Jr

Luiz Carlos Araújo dos Santos

Marcos Aurélio Saquet

Maria Medianeira de Souza

Maria Claudene Barros

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Wilma Peres Costa

Apresentação

Olá, criador!

Este manual foi elaborado como um produto associado ao Projeto de Mais Extensão “Diagnóstico, prevenção e controle da dermatofitose e pitiose equina na Baixada Maranhense: Percepção e educação em saúde com os criadores”, aprovado em Edital N° 06/2022 – PROEXAE/UEMA e executado pelo Laboratório de Micologia Veterinária da Universidade Estadual do Maranhão.

Nesse material, você vai encontrar um conteúdo orientativo e ilustrado, voltado para os aspectos gerais da dermatofitose em equinos, identificação dos sinais clínicos, fatores de importância, formas de prevenção e orientações para manejo dos animais acometidos.

Esperamos que as informações contribuam como uma ferramenta importante para um melhor manejo dos seus animais.

Boa leitura!

Os autores.

Você já observou algumas manchas com caspas no seu cavalo?

Olá, criador!

Sabia que na verdade, essas manchas, geralmente seguidas de caspas ou crostas, podem ser indicadores de uma doença fúngica?

Essa doença está presente no meio rural, afetando animais e pessoas, mas é negligenciada e pouco informada aos criadores e às comunidades adjacentes.

Sim! Estamos falando da **dermatofitose**. (Figura 1)

Figura 1. Lesão de dermatofitose em equino.



Fonte: Laboratório de Micologia Veterinária - UEMA.

O que é a dermatofitose?

Também chamada de “caruncha”, “gafieira”, “tínea”, “tinha” ou “roído de traça”, a dermatofitose é uma doença fúngica que afeta a camada mais superficial da pele, além de unhas, garras, cascos, chifres e pelos, sendo contagiosa e causada por um grupo de fungos chamados dermatófitos.

Os dermatófitos são adaptados a diferentes ambientes e hospedeiros, infectando várias espécies animais, incluindo equinos e humanos, sendo uma doença de potencial zoonótico. (Figura 2)

Figura 2. Contato entre humano e equino.



Fonte: Laboratório de Micologia Veterinária - UEMA.



IMPORTANTE: é um fungo que ocorre em todas as áreas do mundo, sendo mais frequente em países tropicais como o Brasil, adaptado ao clima quente e úmido, em especial no período chuvoso. (Figura 3)

Figura 3. Animais em contato com áreas alagadiças.



Fonte: Laboratório de Micologia Veterinária - UEMA.

Como a dermatofitose equina é transmitida?

Contato direto

A transmissão ocorre entre o animal infectado e o sadio, assim como entre o animal e o ser humano (Figura 4).



ATENÇÃO: por se tratar de uma doença que afeta diversas espécies de animais, como os equinos, bovinos, suínos, cães e gatos, incluindo humanos, a dermatofitose é considerada uma zoonose.

Figura 4. Contato humano-animal.



Fonte: Laboratório de Micologia Veterinária - UEMA

Figura 5. Objetos contactantes dos equinos.



Fonte: Laboratório de Micologia Veterinária - UEMA

Contato indireto

Figura 6. Equino em estábulo.



Fonte: Laboratório de Micologia Veterinária - UEMA

A transmissão também ocorre por fômites (objetos) contaminados, como: esporas, arreios, raspadeiras, cabeçadas, peitorais e barrigueiras (Figura 5).

Os fungos podem permanecer viáveis em estábulos, equipamentos, cercas e outros materiais por meses, e servem como fonte de infecção (Figura 6)

Fatores de importância sobre a sua transmissão

As moscas em repasto — ato de alimentação — também podem atuar como transmissores do fungo.



ATENÇÃO: os animais jovens são os mais vulneráveis a adquirir a doença, que costuma ser mais frequente nos meses do período chuvoso.

Outros fatores importantes que ajudam no aparecimento da dermatofitose são:

- A má nutrição e baixa imunidade dos animais;
- A aglomeração de animais jovens ou o confinamento;
- Existência de doenças secundárias;
- Umidade crônica por transpiração (suor excessivo);
- Agressões ambientais à pele, mesmo que de baixa intensidade.

Os esporos do fungo podem viver sobre a pele sem causar lesões, tornando os animais portadores assintomáticos — sem sinais clínicos — e servindo como fonte de infecção.

Quais os sinais clínicos que os animais apresentam?

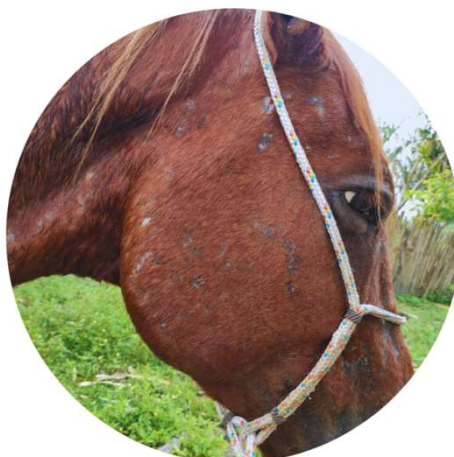
Os animais geralmente começam a apresentar:

- Irritação na pele — urticária;
- Manchas circulares de queda de pelo — alopecia;
- Formação de caspas e crostas;
- Formação de lesões sólidas elevadas — pápulas — e bolinhas com pus- pústulas;
- Elevação e engrossamento do pelo;
- Áreas com descamação e vermelhidão — eritema;
- Coceira desconfortável — prurido variável.



IMPORTANTE: Nos cavalos, as lesões se localizam com mais frequência na cabeça, no pescoço, nos ombros, nos tronco, nas partes laterais do tórax e na garupa.

Figura 7. Animal com presença de diferentes lesões em face.



Fonte: Laboratório de Micologia Veterinária - UEMA.



IMPORTANTE: Quando o animal apresentar prurido (coceira), fique atento, pois esse sinal também pode ser sugestivo de infestação por carrapatos ou alergia, assim como uma infecção secundária por bactérias (Figura 7)

Será que é dermatofitose? Como identificar?

Figura 8. Lesões em área de pescoço.

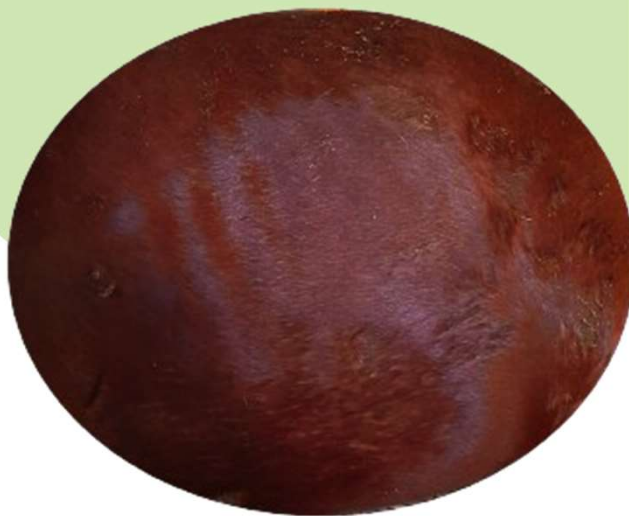


Áreas circulares com perda de pelos e crostas

Fonte: Laboratório de Micologia Veterinária - UEMA.

Figura 9. Lesões em área de tórax.

Áreas com queda de pelo por todo o tórax (Figura 9)



Fonte: Laboratório de Micologia Veterinária - UEMA.

Figura 10. Lesões crostosas e pelos frágeis.

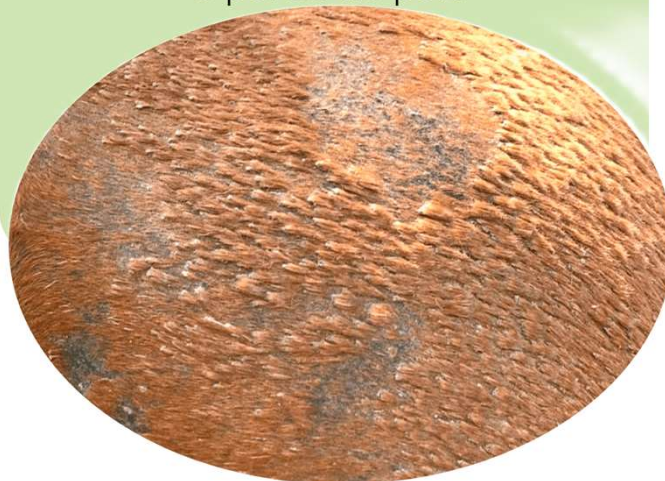


Presença de crostas, lesões sólidas elevadas e queda de pelo

Fonte: Laboratório de Micologia Veterinária - UEMA.

Figura 11. Alterações em pelo.

Elevação, engrossamento e perda de pelo



Fonte: Laboratório de Micologia Veterinária - UEMA.

Como realizar a prevenção e controle dessa doença?

Para animais

- Evitar a compra ou introdução de animais com doenças de pele em criações de animais saudáveis, sem antes possuir o diagnóstico e tratá-lo devidamente;
- Se possível, isolar os animais infectados e tratar os contactantes com terapia tópica;
- Fornecer uma dieta equilibrada para evitar a má nutrição desses animais (Figura 12);
- Realizar banhos após atividades que provoquem suor excessivo — sudorese.

Figura 12. Alimentação em alimentação no estábulo.



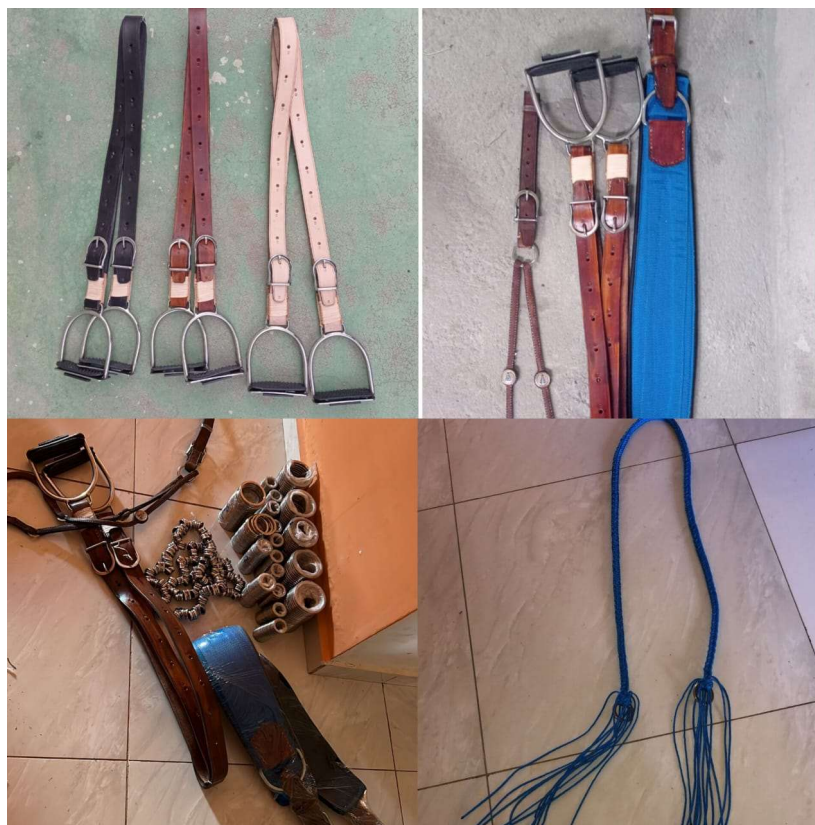
Fonte: Laboratório de Micologia Veterinária - UEMA.

Como realizar a prevenção e controle dessa doença?

Para animais

- Evitar o compartilhamento dos utensílios usados na colocação da ração, equipamentos de montaria, escovas e ferramentas de tratamento dos animais que possam servir como contaminantes;
- Em caso de uso coletivo, realizar a desinfecção de todos os utensílios, equipamentos e ferramentas utilizados (Figura 13);
- Realizar a descontaminação regular do ambiente que estes animais frequentam.

Figura 13. Equipamentos de uso coletivo.



Fonte: Laboratório de Micologia Veterinária - UEMA

Como realizar a prevenção e controle dessa doença?

Para pessoas

- Evitar o contato com animais possivelmente contaminados sem a utilização de luvas;
- Realizar a lavagem das mãos regularmente com detergente ou sabão, sobretudo após ter contato com o animal contaminado (Figura 14);
- Evitar tocar, esfregar ou coçar regiões da pele lesionadas ou já infectadas para impedir que a infecção se espalhe para outras áreas do corpo (Figura 15);
- Evitar ter muito contato com outras pessoas que estejam com doenças de pele não diagnosticadas;
- Não compartilhar objetos de uso pessoal.

Figura 14. Lavagem das mãos.



Fonte: Laboratório de Micologia Veterinária – UEMA.

Figura 15. Contato direto com equino.



Fonte: Laboratório de Micologia Veterinária – UEMA.

Como realizar a desinfecção das ferramentas e do ambiente?

- Medidas de controle ambiental: é essencial que seja realizada a desinfecção das baias, dos equipamentos de montaria e de outros utensílios utilizados no animal;
- Para a desinfecção é recomendada a utilização de hipoclorito de sódio a 0,04% (Modo de diluição: a cada 100mL de hipoclorito de sódio adicionar 2,5L de água);
- Para composto fenólico (Pinho Sol): diluir 30mL do produto a 1L de água;
- Para quaternário de amônia (produtos veterinários): diluir 1mL do produto para cada 500mL de água;
- Cama do animal: deve-se realizar a troca diária e queima do material para que outros animais não tenham contato.

Hipoclorito de sódio



Composto fenólico



Quaternário de amônia



ATENÇÃO: o hipoclorito de sódio, assim como os desinfetantes fenólicos pode ser tóxico para os animais, já os desinfetantes de quaternário de amônia são bem menos tóxicos. Prestar atenção ao modo de usar indicado no rótulo das embalagens, nunca usando puro, sempre diluído em água.

Vale lembrar!

Conclusão

Agora você, criador, já conhece um pouco mais sobre essa doença: o que é, como é transmitida, como identificá-la em seus animais e, principalmente, como prevenir e controlar. Assim, você pode cuidar e proteger a saúde e o bem-estar dos seus animais, mas também a sua e das pessoas ao seu redor.

Vale ressaltar que a dermatofitose é de fácil tratamento, entretanto, ao detectar os primeiros sinais, não é recomendado tratar o animal por conta própria, devido ao seu poder de transmissão para outras espécies e o ser humano. Assim, contate sempre um médico veterinário de sua confiança para o auxílio e acompanhamento no tratamento do seu animal (Figura 16).

Figura 16. Atividade de extensão com produtores de equinos.



Referências

AVANTE, M. L. et al. Dermatofitose em grandes animais. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, v. 7, n. 12, pp. 1-7, 2009.

CHERMETTE, R.; FERREIRO, L.; GUILLOT, J. Dermatofitoses em animais. **Mycopathologia**, v. 166, pp. 385-405, 2008.

MACHADO, J. D. A. C. et al. Principais agentes etiológicos causadores de micoses cutâneas em equinos. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, v. 11, n. 1, pp. 23-28, 2008.

QUINN, P. J.; MARKEY, B. K.; CARTER, M. E.; DONNELLY, W. J.; LEONARD, F. C. **Microbiologia veterinária e doenças infecciosas**. Porto Alegre: Artmed, 2005. 512p.

SILVA, M. B. Prevalência e fatores associados a dermatofitose equina. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2016. Disponível em: <<http://www.locus.ufv.br/handle/123456789/20274>>. Acesso em: 15 de jan. de 2023.



APOIO



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO



**Editora
Uema**



**MAIS
EXTENSÃO**

